

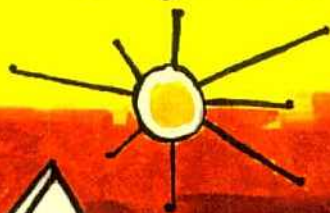


CULTURA
BASIS
CIVILITATIS



ACADEMIA DE CULTURA
DE FOZ DO IGUAÇU

Sol brilha para todos



nas três fronteiras...

Isa Cruz

URSO AZUL

Escreva um verso azul
No céu da América do Sul
Ajude a fazer azul
O céu da América
Nossa América do Sul
Sentir num dia de sol
Numa tarde preguiça
Numa noite de lua
Bem loucos de emoção

Lábios cor de maçã
Da irmã República Argentina
Fechar a porta, dizer não
Abrir uma janela
Para América Latina
Na solidão do Cone Sul
Cachos de chuva e de ternura
Cairão em nós enfim

(Beto Petry e Daniel Assunção)

APOIO:



Índice Página

Editorial	05
E tu sabes donde eu venho?	06
Felicidade	07
Inocência	08
Interrogação	08
Lanternas vermelhas	09
Circunstância	09
Minha conversa com Waltel Branco	10
O ciclo	10
Olhar	11
Pátria amada Brasil	12
Poema de um menino	13
Saudades de um amor	13
Aqui	14
Soneto ao mundo	15
Minha rua	15
A flor mascarada	16
J. M. S. F. - O preso 500	17
O lixo e a solução	18
Procura-se um amigo	19
Quem será o vilão do cinema norte-americano?	20
Quisera eu ter o dom	21
Seilá, sabe	22
Somos educados?	23
Um dia especial	24
As férias de Barbarella	25
Dia de aniversário, em Foz	27
Não já, mas agora	28
De que falam as escrituras?	29

INSTRUÇÕES REDATORIAIS

- 1 - A revista ACULFI é publicada sob a orientação do Conselho Editorial, sendo de inteira responsabilidade dos autores os conceitos e idéias emitidos.
- 2 - A publicação será mensal e tem por finalidade divulgação de ensaios científicos, criação e crítica artística.
- 3 - Os trabalhos apresentados deverão ser encaminhados à presidência do Conselho Editorial, que enviará ao Comitê de Revisão.
A referida comissão poderá aceitar, recusar ou sugerir modificação no texto.
- 4 - Os trabalhos deverão ser encaminhados ao editor, digitados em programa *for Windows*, conforme as normas da ABNT. Uma cópia deverá acompanhar em anexo o trabalho gravado em disquete.
- 5 - Os textos necessariamente não deverão ultrapassar 2 (duas) páginas.

EXPEDIENTE

Presidente

José Elias Aiex Neto

Secretário Geral

Paulo Ferreira

Diretor Cultural

Ildo Carbonera

Orador

Valter Teixeira

Diretor de Com. Social

Nelson Figueira Sobrinho

Tesoureiro e Diretor de Patrim.

José Gilberto Maciel

Representante Argentina

Clara Cruz

Representante Paraguai

Victor Manuel Britez

Conselho Fiscal

Rosicler Hauagge do Prado

Nanci Rafagnin Andreola

Claimar Granzotto

Ivette Souza Secundino

José A. Saraiva

Cidinha Hosoya

Conselho Editorial / Comitê de Revisão

Degmar Francisco dos Anjos

Valter Teixeira

Ildo Carbonera

A.G.H. Cunha

Francisco Heitor Fernandez

Nelson Figueira Sobrinho

Marcelo Zini

Joyce Fernandes

Endereço

Rua Benjamin Constant, 62

2º andar - sala 21

Fone: 521-1519

CEP 85851-380

Foz do Iguaçu - PR

Diagramação e Impressão

Grasmil Gráfica

São Miguel Ltda.

Não só a Ponte da Amizade! Abramos as janelas e as portas das nossas casas. Deixemos entrar o ar das novidades, das boas notícias, das esperanças, das realizações. Abramos os caminhos das nossas idéias, das nossas vontades.

Não há motivos aparentes que justifiquem desencontros, desacertos, intrigas, conflitos e guerrinhas locais. Somos dependentes, não pensemos tanto em independência. Sigamos os caminhos dos interesses coletivos, das melhorias regionais.

Nós podemos construir nossa própria história, local, mas coletiva, latino-americana. Por que brigas entre paraguaios, brasileiros e argentinos? Não ecoa nos nossos horizontes o surgimento de um Novo Mundo? O futuro não é aqui?! Esfreguemos o Eldorado Latino-Americano na cara deles!

Nossa marca, nossa identidade é a pluralidade, a diversidade. É difícil. Não dispomos de vozes que indiquem os caminhos, os melhores caminhos. Há tempos quando líderes são imprescindíveis. Onde estão os que deveriam apontar as direções, as melhores direções a seguir?

Temos os rios, os dois grandes rios. Diante da nossa passividade e dos desperdícios, correm silenciosamente, tristemente. Não regam nossas vidas, nem nossas esperanças. Passam ao largo. Juntamos nossos sonhos, paraguaios, argentinos e brasileiros, como fazem os rios Paraná e Iguaçu para formar um outro, único, maior, igualmente livre.

Ildo Carbonera

P.S. - Esta revista é uma homenagem a Lyrio Bertoli. O maior respeito é devido a ele, em vida.

E TU SABES DONDE EU VENHO?...

Venho de um pago distante
Banhado pelo Uruguai
Rio que vem serpenteante
Dos rincões do Nonohay
Que carrega as tradições
Da velha história guerreira
E que povoa os galpões
Do Boi Tatá, luz matreira
Lobisome, história aquela
Que o fio do lombo arrepia
E quando ao ranger da tramela
Todo o galpão silencia.
Dessa querência é que chego
Que é o pampa, terra do guasca
Homem que dorme em pelego
Quando o Minuano se lasca
E faz tiritar a manada.
É lá que a noite amontona
Convidando à churrasqueada
Ao ressongo da acordeona
E a cuia, "seio moreno,
Que anda de mão em mão"
Se faz braseiro pequeno
Esquentando a solidão.
Venho de raça teatina
E de uma paisagem infinda
Onde a mulher, doce china,
Segue à garupa mui linda
Seu homem taura entonado
Que garboso em seu bagual
Percorre a vida pilchado
De lenço, bombacha e "imbornal"
E que carrega os avios
Para o pouso bem campeiro
Indo a espantar os frios
Nas cinzas d'algum braseiro.
Com esta charla campeira
Fica bem fácil saber
E creio, com mão certa
Donde devo proceder
Venho, do Rio Grande amado
Que por um ponto de vista
Foi à luta esfarrapado
E sem derrubar a crista

A lança em riste sangrando
Qual potro que não se encilha
Foi ao Império enfrentando
No “Entrevero” Farroupilha.

Washington M. V. S. Bermúdez

Militar da Reserva, é morador da Capital Federal

FELICIDADE

Eu estou triste,
Mas estou rindo

Eu estou cansada,
Mas estou trabalhando

Eu estou de mau humor
Mas estou sendo educada

Eu sou valente
Mas não sou ninguém

Eu quero ir embora
Mas tenho mesmo que ficar

Eu queria estar feliz
Mas não tenho motivo

Eu queria que tudo desse certo
Mas as coisas são muito difíceis

Eu queria...
Eu queria ser alguém

Mas eu sou o grito surdo
Da tristeza abandonada

Apaixonada pela vida
E na sede de crescer

À procura incessante
E desgastante

De um sentimento relapso
Chamado felicidade

Joyce Fernandes

Membro da Aculfi

INOCÊNCIA

De olhar brejeiro
Verde, cor de oceano
Pele morena, nativa pura!
Caminhava nas calçadas
A cabocla Inocência
A ela não eram poupados
Assobios dos mais jovens
Nem dos idosos o assédio...
Ia a toda parte
Tranças ao vento
Mostrando os contornos
Em seu vestido de chita
Até que nas cercanias
Não mais se sentira
Aquele aroma silvestre
De jasmims e açucenas...

Mapê Carneiro

Membro da Aculfi
João Pessoa, 1970

INTERROGAÇÃO

.....
Posso te fazer uma perguntazinha,
Posso?
Uma simples interrogação,
Pequeninha,
Sem pretensão de exigir pra si,
Como resposta,
Alguma estoriazinha boba,
Insossa e desbotada.
É um troço, um nada,
Posso?
Depois, então, meu coração,
Meu bem amado
Eu deixarei que fiques sossegado
Naquela doce e branca paz,
Que já reclamas.
Eu te pergunto, simplesmente:
— Tu me amas?

Vera Gomes

Poeta, cantora, artista plástica. Este poema integra
o livro "Roupa Íntima", com lançamento previsto para breve

LANTERNAS VERMELHAS

6 de agosto é um dia de recolhimento no Japão, principalmente em Hiroshima, no Parque Comemorativo da Paz, onde muitos vão à praça rezar pelas almas das vítimas da Bomba Atômica, que foi atirada pelos americanos em Nagasaki e Hiroshima. Portanto, 6 de agosto é um dia conhecido mundialmente.

Neste 6 de agosto de 2001, aqui no Brasil tivemos, também, uma grande perda: morreu nosso escritor baiano, Jorge Amado.

Há entre o 5 de agosto e o 7 de agosto um fosso. Um enorme fosso para a humanidade: Hiroshima, Nagasaki, Jorge Amado... e tanto mais!

Dia de perdas! Dia de danos! Dia intransponível!

Como suportá-lo? Como preenchê-lo?

Mais uma lanterna se acende.

Cidinha Hosoya

Membro da Aculfi

CIRCUNSTÂNCIA

chuva
no telhado
lembrar o
passado
proteção maternal
pré-natal
assustado
pressinto a nova
etapa
a ser alcançada
partida imediata
amedrontado
agarro
o momento
desfrutado
cada pinga d'água
deixa marcado
sabor inexplicado
ansiado tento
prolongar a sensação
emoldurada
pelo som
cadenciado
resignado
tristemente
aceito e constato
está terminado.

José Elias Aiex Neto

Médico psiquiatra e membro fundador da Aculfi

MINHA CONVERSA COM WALTTEL BRANCO

(duro, mas foi a mais pura realidade)

Perguntei ao Waltel ao telefone:

Você me deu o cano? Aí respondeu-me:

Não, não, não desligue, não é engano...

Falei-lhe:

Por que você não vem aqui seu "canista"?

A resposta foi: Quem fala? Eu não vou ao calista...

Insisti: Você está me ouvindo?

Lá vem a resposta: Claro, estou subindo...

Fui bem claro: Virou Malandro Carioca?

E de repente ouvi: Não vou comer pipoca...

Disse-lhe: Pare com esta ginga...

Em meu ouvido apareceu: Eu nunca tomo pinga...

Percebi o que estava acontecendo,

Fui direto ao assunto: Cadê minha gravação?

O mesmo respondeu: Não estou de gozação...

Aí não suportei: Escutei o disco da Sandra Ávila!

Para meu espanto qual foi a resposta?

Bonita aquela danada, e ainda canta bem...

Tive que exclamar: Agora escuta bem, seu picareta...

Claro, ouço muito bem, pois o arranjo é do Peranzzeta.

E assim terminou nossa conversa sem nenhum espanto

Querem saber qual o final? Ficou tudo em BRANCO.

Afranio Lamy Spolador

Médico - Curitiba

O CICLO

Confusão nos versos...

Há tanta coisa no universo

A ausência, o vazio...

Preocupação com a rima

O pensamento vaga

Contemplo as estrelas

Admiro a imensidão

Que se perde na escuridão.

Ah! Inerente solidão.

Mergulho na dança de minhas lágrimas.

Escuto o eco da minha voz.

Infinita saudade
De tão rara amizade!
Lembro-me das noites longas
De olhar triste...
Medos... covardia...
Tamanha melancolia
Como sofria!
Agora é dia
Retorna a alegria
Coragem, sucesso
Extrema felicidade.
O ciclo repete
E a vida continua.

Maria Ribeiro

Professora

OLHAR

Olhar,
Doce olhar

As de um verde olhar
Eu as quero namorar
E teus olhos hei de apalpar
De frente com o meu olhar.

Boca,
Escultura perfeita
De onde emana os beijos
Vermelha boca, saborosa
Manancial de doçura
Que alimenta minha loucura.

Amilcar Britez

Membro da Aculfi

Verde amarelo, cor da minha pátria
do meu Brasil brasileiro,
pátria amada idolatrada.
Verde amarelo, cor da minha alma
nascida nesta terra querida
do meu Brasil varonil
deste céu cor de anil
Pátria amada, idolatrada, salve, salve!!!

O branco da tua paz, o verde do teu mar
teu céu de azul profundo,
teu sol de amarelo ouro
Pátria amada idolatrada.
O verde das tuas matas, a esperança
guiada pelo Cruzeiro do Sul, aponta
teu destino neste mundo
que ao som do mar
e a luz do céu profundo
destinada estás a ser terra universal
e a todos os povos do mundo
querem viver na paz.

Meu Brasil brasileiro
torrão amado, agradeço-te,
ser filho desta mãe gentil,
terra de todos os povos,
dos velhos e dos novos
terra de Santa Cruz,
onde tudo reluz
e ao resto do mundo seduz.

Branco, negro, índio, amarelo,
caboclo, cafuzo, sarará e mestiço,
é com este povo caleidoscópico
que a tua história escreveste,
das lutas, epopéias e glórias
és infante entre as nações.
Mas não te dobram os que te cobram porque um filho teu
não fuge a luta
e a Nação que assim procede tem as bênçãos do Senhor.
Meu Brasil brasileiro,
Oh! Pátria amada idolatrada
SALVE, SALVE!!!

Percy Lima

POEMA DE UM MENINO

Por que choras menino?
Será que tudo está perdido?
Por que choras menino?
Será que tiveste motivo para chorar, menino?
Ou o ombro do mundo é para as cabeças de quem sofre?
Será que as nuvens brancas são lenços
para enxugar as lágrimas de quem chora?
Por que o silêncio da noite acalenta os que sofrem,
os que gemem a dor calada,
os que vivem na imensidão da noite?
Por que choras menino, por quê?
Quando tu sentires saudade, ou solidão,
lembre-se de quem um dia ao teu lado também chorou
por ter perdido alguém, um pedaço de si.
Lembre-se de alguém que te ensinou viver,
pegou tua mão, ensinou a andar.
Levante a cabeça, olhe para frente,
veja a longa estrada da vida, sorria,
enxugue as lágrimas e diga a quem sofre por amor,
que nem todo amor é eterno...
Então eu pergunto,
por que choras menino?

Tio Bahia

Membro da Aculfi

SAUDADES DE UM AMOR

Sinto algo estranho
Algo muda dentro de mim
Sinto dores que antes não sentia
Sensações antes não vividas
Medos antes não sentidos
O sentimento cresce
Como aquele pequeno botão
Da rosa abandonada
Porém radiante
No jardim da casa
Abandonada pela saudade
Dos que partiram sem se despedir
O sentimento teima em crescer
É como o pequeno botão

Desabrocha dentro de mim
 Tomando conta do espaço vazio
 O espaço vazio do meu coração
 Coração que a cada momento
 Bate mais forte em função de sobreviver
 Sobreviver em função de te amar
 O algo continua a crescer
 Cresce de forma desesperada
 E angustiante
 Para preencher o espaço
 O espaço que você deixou
 Enfim descubra
 Que esse algo estranho que sinto
 São meus sentimentos de amor
 Lutando desesperado contra a
 Saudade que sinto de você.

Susana da Silva Rosa

Estudante, membro da Aculfi

AQUI

Aqui ninguém nem você ouve
 Esse ruído branco, um zum sem parar
 Imagina uma estátua de vidro
 Ardume nos olhos
 Raiva, pavor e solidão em cimento sólido.
 O ódio em todos os músculos
 Em todas as células do corpo
 Na roupa
 Em cada fio que tece essa maldita
 Roupa
 Uma raiva desgraçada
 Que quer sair
 Explodir
 Fecundar sua alma
 Destruir essa parede
 Imunda e fétida
 Esse sangue podre que
 A desgraça moribunda sobe
 E desce minha carne
 Atrás da última gota agonizante de suor
 O que faço com meus olhos?
 Calculo os segundos para respirar
 Por que acordo de manhã?



O cheiro da ferrugem, basta tocar
E sentir
O que carrego na voz?
A morte em rumo alheio
Se afoga na mentira mecânica
Palavras sem sílaba humana

Marcelo Zini
Membro da Aculfi

SONETO AO MUNDO

Mundo, grande mundo,
grande para nós,
mortais de ódio profundo,
ódio que nos deixa sós.

Mundo, pequeno mundo,
grão de areia no espaço,
imortal de um vazio profundo,
de tamanho que nem idéia eu faço.

Ó grandiosa Terra
mãe da vida, gloriosa
tu és grande, formosa.

Ó brilhante Sol
que ilumina e aquece
não há quem te esquece.

Lenon Thomas Kramer
Estudante, 15 anos

MINHA RUA

Morei num beco sem saída com casas todas iguais e só de um lado. Do outro lado, a linha férrea, o campo de futebol. Vagonetes sobre os trilhos e carregados de madeiras brutas faziam o fundo do cenário. As casas eram todas da mesma cor e eram geminadas. Os quintais pequenos, e quem precisava de quintal, se havia o mundo para correr e brincar? A liberdade era sentida, vivida. As brincadeiras eram sadias. Na rua de terra não havia carros. Vez ou outra um táxi com alguém importante, que não era dali.

Ir à cidade, era um passeio que eu gostava, além das vitrines, as leituras das placas. Tudo colorido e diferente. Com roupa nova, voltava à Vila dos Ferroviários, casa 6. Rua de terra, tudo igual, roupa surrada.

Depois de muitos anos, voltei à minha rua. Estranhei o lugar, faltavam casas, estava feio.

Senti um vazio. Vi que a minha rua não era mais minha. Perdi-a há muito tempo.

Só eram minhas as lembranças. Estranhei a minha rua.

Ela, por sua vez, nem me reconheceu.

Amadeu Trevisan

Delegado de Polícia
Supervisor da Cadeia Pública
Acadêmico de Jornalismo

A FLOR MASCARADA

Havia um campo. Um campo cheio de flores. Lá morava Laila, uma flor que queria desfilar num baile de carnaval. As outras flores achavam Laila muito festeira e muito agitada, e naquele exato momento resolveram expulsá-la do campo.

No dia seguinte, Laila fez suas malas e foi embora decidida a não voltar.

Caminhou durante dias, até chegar em Viala, uma cidade muito grande e muito famosa pelos lindos bailes de carnaval. Na surpresa inesperada, passou um homem gritando.

— Venham hoje ao baile de carnaval Sipó Pequeno, venham hoje à noite!

Foi aí que Laila matutou que o seu sonho ia se realizar, ela ia desfilar num baile de carnaval. À noite, leu um aviso dizendo: “Proibida a entrada de flores e animais”. Laila percebeu que precisava ir mascarada.

Laila entrou no baile sem causar confusão, e desfilou a noite toda. E sempre vai lembrar que era uma florzinha que tinha um sonho para realizar.

Angela Goldgaber Nunes

10 anos

A Cadeia Pública Laudemir Neves recebeu, em 20 de agosto de 2001, o preso de número 500. Foi autuado em flagrante por homicídio culposo: matar sem ter a vontade de querer matar.

O motivo que levou J.M.S.F para o xadrez seria corriqueiro, se esta prisão não fosse o atestado de que, com a custódia, o “cadeião” houvesse atingido o ponto mais crítico de sua capacidade. É bem provável que uma importante lei da Física esteja renovada. Assim, na cadeia pública da cidade, mais de dois corpos estão ocupando o mesmo lugar ao mesmo tempo. Dois, três ou mais corpos, com certeza.

Hoje, com 236 vagas (depois da ampliação a cadeia chegou a 500), estima-se que no período de visitas mais de 1300 pessoas estarão no interior do estabelecimento. Com isto, as dificuldades para conduzir com segurança aquela movimentação, sem dúvida alguma, podem propiciar novas fugas, rebeliões e mortes.

Inaugura-se uma nova fase, ou nova numeração: 501, 502, 503... — Brasil 500 anos. Cadeia Pública “Laudemir Neves” — 500 presos. De uma banda ou de outra, nada a comemorar.

Amadeu Trevisan

Delegado de Polícia
Supervisor da Cadeia Pública
Acadêmico de Jornalismo

A Cadeia Pública de Três Lagoas registrou nesta semana mais um recorde de superlotação. Pela primeira vez na história, desde que foi inaugurada há oito anos, a unidade superou o número de 500 presos. São 509 pessoas dividindo espaço para abrigar no máximo 236 detentos.

A superpopulação carcerária coloca mais uma vez em xeque a frágil estrutura da unidade. O risco de novas fugas é iminente — só este ano foram três. A segurança do local já fugiu do controle da polícia. A infra-estrutura é precária e o efetivo é pequeno para controlar uma possível rebelião.

Em dias de visita o risco aumenta. Sobe para 1.300 o número de pessoas no local. Esse número representa quase cinco vezes a capacidade da cadeia.

Dos 509 presos, pelo menos 200 já foram condenados e deveriam estar cumprindo pena em penitenciária. O Estado alega falta de vagas. Nem mesmo com a ameaça da Justiça de multar em R\$ 100 por cada preso mantido na unidade que tenha recebido sentença, o governo conseguiu evitar o problema da superlotação.

J.M.S.F, preso esta semana sob a acusação de homicídio

culposos (quando não há intenção do crime), poderia ser mais um detento qualquer, se não fosse um detalhe. Ele é o preso de número 500. Número que expõe ainda mais a fragilidade da cadeia, que se transformou num símbolo de vergonha da segurança em Foz do Iguaçu.

Patrícia Iunovich

Jornalista e professora de *Redação Jornalística*
da União Dinâmica de Faculdades Cataratas (UDC)

O LIXO E A SOLUÇÃO

Veja a situação, se não é um desaforo, o povo desesperado pedindo por socorro é, grande o sofrer já dá para ouvir o choro, enquanto os nossos políticos criam o lixo de ouro, que nunca valeu nada, mas aqui na nossa cidade é vendido por tonelada, quem paga é o povo, custando muito caro este triste capricho, saber que temos políticos que sobrevivem do lixo, outros deles nasceram e nunca padeceram, não tendo se ouvido o choro, porque eles têm criatividade, não sabendo a sociedade que do lixo eles fazem o ouro, que parece esquisito, ele é o subsídio que elege alguns políticos, no povo eles nem pensam, já se tornará um costume, o desejo deste poeta é que o povo se una, reduzindo o lixo, enterrando no quintal as cascas de frutas e legumes, mudando o rumo dos planos, num futuro bem próximo terão o adubo orgânico, provando à sociedade que são gente inteligente, queimando os papéis do banheiro junto os absorventes, unindo num pacote, jogando na churrasqueira, que ao acender a fogueira, queima tudo num repente, isto é o respeito com os nossos semelhantes, que vivem catando o lixo onde muitos ficam doentes, tem os restos de comida que gera um triste fato, o que um mal educado costuma deixar no prato, junto a sobra das panelas vai tudo para o lixão, num País que morre gente de fome, na velhice e na infância, jogar alimento fora é uma grande ignorância, procurem quem necessita e faça uma doação, ajudando acabar com certos atrapalhos, chegando a poda das árvores, são cortados muitos galhos, enchendo os caminhões, sendo levado ao lixão, ocupando um bom espaço, tudo isso acontece por falta de amor, não tendo em nossa cidade um triturador, podendo aproveitar tudo transformando em adubo, que pode ser doado para os agricultores, para o fim do lixão, precisa a educação motivo das minhas críticas, criando a consciência política, para esta transformação e que tudo o que for para o lixo, não seja algo infrator, que sirva para os nossos semelhantes os chamados "catador", fazendo deste lugar uma cidade decente, chamando atenção do nosso meio ambiente, para esta situação, remexendo o lixão, de tudo o que está enterrado fazer

uma separação, os plástico soterrados que não dá para usar, face um grande monte e autorize a queimar deixando a terra pura e muito bem adubada, vamos remexer o lixo com as máquinas pesadas, porque há uma grande área que está sendo ocupada e logo, mais terras férteis serão desapropriadas, mas isto não é necessário, o que estamos precisando é apenas um estudo com a conscientização do povo e o mínimo de esforço político, para nos transformar o lixo numa fábrica de adubo, já prevendo a discordância, eu darei um passo à frente, sei que vou ouvir de muitos que a queimada dos resíduos é contra o meio ambiente, quero alertar os senhores, que muito pior do que isso será a contaminação das nossas vertentes.

Alceu Tavares de Siqueira

Membro da Aculfi

Obs. – A Comissão de Revisão decidiu não interferir no texto do Alceu.

Procura-se um amigo

Não precisa ser homem, basta ser humano, basta ter coração, basta ter sentimentos. Precisa saber falar e calar, sobretudo saber ouvir, tem que gostar de poesia, da madrugada, de pássaros, de sol e de lua, do canto dos ventos e das canções da brisa. Deve ter amor, um grande amor por alguém, ou então sentir falta de não ter.

Deve amar o próximo e respeitar a dor que os passantes levam consigo, deve guardar segredo sem se sacrificar.

Não é preciso que seja de primeira mão, nem é imprescindível que seja de segunda. Pode já ter sido enganado, pois todos os amigos são enganados.

Não é preciso que seja puro, nem de todo impuro, mas não deve ser vulgar. Deve ter ideal e o medo de perdê-lo e no caso de assim não ser deve sentir o grande vácuo que isso deixa. Tem que ter ressonâncias humanas, e seu principal objetivo deve ser o de amigo. Deve sentir pena das pessoas tristes, e compreender o imenso vazio dos solitários. Deve gostar de crianças e lastimar pelas que não puderam nascer.

Procura-se um amigo para gostar dos mesmos gostos, que se comova quando chamado de amigo, que saiba conversar de coisas simples, de orvalho, de grandes chuvas, e das recordações da infância.

Precisa-se de um amigo para não enlouquecer, para contar o que se viu de belo e triste durante o dia, dos anseios e das realizações, dos sonhos e da realidade. Deve gostar de ruas desertas, de poças de água e de caminhos molhados, de beira de estrada, de mato depois da chuva, de se deitar no capim.

Precisa-se de um amigo que diga que vale a pena viver, não porque a vida é bela, mas porque já se tem um amigo para não se viver debruçado no passado em busca de memórias perdidas.

Precisa-se de um amigo que bata nos ombros sorrindo e chorando, mas que nos chame de AMIGO para ter a consciência de que ainda se vive...

Luanna Esther D. Kaiser

QUEM SERÁ O VILÃO DO CINEMA NORTE-AMERICANO?

Cinema, a sétima arte, é ainda a diversão de muita gente, desde as primeiras películas em preto e branco, passando pelo primeiro filme falado, "O Cantor de Jazz", de Alan Crosland, com Al Jolson em 1927, rumando ao amadurecimento tecnológico em "Dez Mandamentos", "Ben-Hur", "Titanic".

Para fazer um bom filme é preciso também um bom roteiro e Walt Disney (1901-1966) disse certa vez "que uma boa trama deve ter a presença inevitável de um vilão". Foram vários: o cinema norte-americano mostra o índio como sub-raça, nocivo, atrasado; o Alemão, um povo ruim; do Japão, "O perigo amarelo" e, aproveitando o período da Guerra Fria, projeta a União Soviética como um inimigo de todo o planeta.

Todos tinham medo dos países da Cortina de Ferro⁽¹⁾. Hollywood — Meca do Cinema — pegou esse novo filão e mostrou em abundância o perigo do poderio militar do leste europeu, trazendo embutida em sua ideologia a eterna luta do bem e do mal, onde sempre o primeiro era representado, é claro, pelos Estados Unidos da América. Nos filmes norte-americanos das décadas de 60, 70, até metade da de 80, o vilão sempre era a URSS, ou algum personagem daquele país. O filme "Caçada ao Outubro Vermelho" (The hunt for red october, 1989, EUA) do diretor John McTiernan, estrelado por Sean Connery, Alec Baldwin, Scoth Glenn, entre outros, narra a história de um capitão soviético que leva para os domínios norte-americanos o submarino *Outubro vermelho*. Os soviéticos o consideraram um desertor e os ianques temem por um atentado nuclear.

A Inglaterra também investiu através de seu cinema na propaganda anticomunista na série *James Bond*, iniciada nos anos 60. Quatro desses filmes tratam da "ameaça vermelha": "Moscou contra 007" (1963); "007 contra Goldfinger" (1964); "007, o espião que me amava" (1977) e "007 contra Octopussy" (1983).

Com o esfacelamento da URSS em meados da década de 80, com a Perestroika (estruturação) e Glasnost (transparência), de Mikhail Gorbatchov (1931), descerrou-se a "cortina de ferro"; viu-se

que apesar da estrutura e clima beligerantes que se mantiveram durante anos amedrontando a tudo e a todos, que havia muito o que temer com o forte armamento como ogivas nucleares. Também mostrou nu, um país quebrado e com sua economia debilitada.

O cinema norte-americano, sem a ameaça vermelha, diz que o perigo vem do espaço. Surgiram filmes como "Independence Day" (1996), "Armageddon" (1998). Como sempre, o norte-americano é o salvador da Terra. Steven Spielberg é um dos raros diretores que em seus filmes sempre colocou o alienígena como um ser sem maldade.

Sem inimigos plausíveis, pode ser que habitantes e descendentes de povos do Oriente Médio e outros rincões sejam os futuros vilões. Em 1998 foi feito "Nova York Sitiada", onde terroristas islâmicos explodem vários pontos de Nova York. Seria um novo vilão do cinema norte-americano ?

Há um ponto a ser ponderado: nem tudo que reluz é ouro; nem todo árabe é muçulmano; nem todo muçulmano é árabe; nem todo árabe é terrorista; e nem todo terrorista é árabe.

(¹) Termo criado por Sir Winston Churchill em 1946 para designar os países pertencentes ao bloco socialista.

Paulo Ferreira

Secretário Geral da Aculfi
Engenheiro de segurança do trabalho
e eterno aprendiz da vida.

QUISERA EU TER O DOM...

Quisera eu ter o dom de ouvir como um maestro supremo e decifrar a poesia que se esconde no cair da chuva, no soprar dos ventos, no quebrar das ondas, em toda a melodia poética da natureza, ouvir o coração do casal apaixonado, o sentimento incrustado no coração e que não se exprime em palavras, ouvir o coral de anjos que circunda o sono infantil, o nascer e o morrer, ouvidos sensíveis ao clamar das pedras ao Verbo criador. Queria ser agraciado pela inspiração do amor que cria as serenatas e a música romântica dos amantes; quisera eu ter o dom de Salomão para declarar em cânticos o meu amor por você. Quisera eu ter o dom da escrita e conseguir expressar meu amor em palavras, decifrar minha paixão e descrever tua beleza com palavras de ouro em perfume de jasmim. Ah, se eu conseguisse ao menos rezar um poema com todo o amor que sinto, seria belo e puro, ingênuo e feliz, desperto em sentimentos verdadeiros e bons. Mas se eu conseguisse dar forma ao meu sentimento, ele seria grande como um monte, valioso como cidades de ouro, belo como o amanhecer, puro como o que ainda não existe, recheado com tudo que é bom, perfeito e agradável. Quisera eu ter o dom de representar Romeu, Don Juan, ou Salomão para substituir teu nome em lugar de mil aman-

tes, um harém, ou Julieta, recitar poemas aos pés de sua sacada, disputar a espada o teu amor contra os revezes da vida, escrever o *cântico dos cânticos* e gravar na história meu amor: Marinalva.

Samuel Palma Putrick

Acadêmico de Jornalismo e membro da Aculfi

SEILÁ, SABE

Fui convidado a contribuir com uma matéria, a ser publicada na revista mensal da Aculfi. Como escritor compulsivo, devo agradecer pois, como todos sabemos, existem grandes dificuldades para nossos textos serem publicados. Tenho uma dúzia, ou mais, de livros que gostaria publicar (bota ilusão nisso). Meu tema, pessoal e preferido, gira em torno da ecologia-social e da economia-ecológica. Não acho um extrato que não ultrapasse o limite de duas páginas.

Escrevo também sobre política, mas este veículo não me parece apropriado para esse tipo de manifestação. Poderia considerar a informática, pois a revista aceita contribuições científicas e estou escrevendo uma média de cinco mil caracteres semanais sobre o tema, mas há alguma coisa que, no momento, me trava a ação por esse lado. Os problemas sociais é assunto que me induz a encher de letras centenas de páginas de caderno. É só escolher, copiar e colar aqui. Fácil demais. Jornais de papel e da TV estão cheios disso.

Poderia, quiçá, criar um continho engraçado com o 'causo' do vizinho que, com as veias cheias de cachaça, toda noite enche a mulher de porradas. Ela parece gostar mesmo, mas eu não durmo há um mês. As mágoas de minha vida já sujaram muito papel e não pretendo espalhar esse vírus.

Um poeminha até que quebrava o galho, mas aquela terra de poetas não é minha praia. Será mesmo que a coisa está tão difícil hoje? Já escrevi pelo puro prazer de escrever, de sentir o deslizar da caneta sobre o papel, desenhar uma letra após a outra, juntar palavras, formar frases, parágrafos e demais, sem dizer nada mesmo. Só pelo sublime prazer de escrever. Está tudo em um livro (não publicado) que chamei "Nada e Coisa Nenhuma". Nem cabe nesta revista. Me desculpem a enrolação, quero dizer que tenho uma certeza: não vale a pena escrever só para que outros achem bonito.

Poderia terminar aqui, sem mais, mas deveria fazer um esforço para diminuir mal-entendidos. Acho que o escritor, o poeta, o artista, o produtor cultural em geral, têm o dever de cumprir um rol social. A certeza é fortalecida ao observar a realidade que martiriza a vida em nosso planeta. Não é produzindo Seconal que vamos superar o marasmo, a inconsciência, a ignorância, a imbecilização imposta, a alienação, ou as formas de violência física, econômica, psicológica, ecológica ou religiosa. Não é na procura da glória, da imortalidade, da adulação, que poderemos achar o caminho que reverta o quadro.

Como pessoas que temos acesso a canais mais amplos de comunicação, temos que

O quê? Acabou o espaço? Assim não dá! Parece entrevista de TV. Só me permitam puxar umas letras, da caneta de um gaúcho imortal:

*Os outros passarão
eu
passarinho*

Seilá, entende.

Ernesto Kramer
Membro da Aculfi

SOMOS EDUCADOS?

No desenvolvimento histórico da educação, podemos observar diferentes fases, cada uma das quais com características particulares, embora não exclusivamente únicas.

A vida humana e a vida social estão, de fato, constituídas por muitos ideais e muitas instituições, que fazem a complexidade da história.

A educação primitiva, dos povos originais, anteriores à história propriamente dita, é que podemos caracterizar como educação natural, pois nela a influência espontânea, direta, predomina sobre a intencional. Teriam os animais sido os nossos primeiros mestres?

Qual foi a metodologia aplicada ou criada para que durante todo este tempo até os dias atuais tivéssemos este comportamento dentro da nossa sociedade ou dentro do nosso mundo particular, que constantemente entra em espírito com os demais?

A história que aprendemos nos meios educacionais fora criada, inventada, ou é fruto da luta pela sobrevivência e que tinha como válvula de escape as manifestações artísticas?

Teriam sido estas manifestações artísticas uma forma de ataque aos sistemas políticos, sátiras mediante as imposições religiosas ou a manifestação do belo, aliás o que é o belo?

Qual a proposta da educação? Preparar as crianças para um futuro?

Vamos analisar o presente, que fora o futuro de adolescentes criados pela mídia, pela Xuxa, pelas telenovelas e que hoje pensam em mudar o mundo com as almas e técnicas aprendidas nos filmes norte-americanos e através do vídeo-games. Seria educar oferecer camisinhas, obrigando as pessoas a usarem de uma forma ou de outra, ou informar de maneira exposta o que é o sexo e o que pode ser transmitido mediante este ato, será que só existe aids?

No mundo inteiro se discute sobre a educação, como resol-

ver, como criar mais teorias, quais teorias? Para se criar mais livros, mais instituições, não seria isto comércio?

Ah! Então não são teorias educacionais, e sim comerciais, ou seja, a história do desenvolvimento econômico mediante a ignorância popular.

Afinal quem ensinou mais, o Chapeuzinho Vermelho, o Lobo Mau ou a Vovozinha? Já sei, foram os Três Porquinhos.

A teoria é observar o que ocorre e praticar, atuar, agir, e não somente anotar ou digitar.

A doutrina pedagógica mais antiga é o tagismo, que virou religião por Confúcio (551– 475 a.C.). Confúcio considerava o poder dos pais sobre os filhos ilimitado, criou um sistema de exames baseado no ensino dogmático e memorizado. Claro que pelo tanto de teorias pedagógicas existentes teremos várias formas de analisar este método, aliás, temos tantas teorias no mundo que ser filósofo hoje não é mais amar o conhecimento. É pensar em quem tem a razão. Mas o que é a razão? Para muitos psiquiatras, a tua razão pode ser uma psicose, e dê-lhe teoria.

Quer saber? A nossa preocupação ainda continua sendo quem somos, de onde viemos e o que é Deus. Aquelas velhas perguntas em tempos modernos.

Como disse um grande pensador: ser feliz é não se preocupar em sê-lo; a preocupação só te afastará da felicidade.

Eu diria que ser educado é ser você, autêntico, pois preocupar-se em sê-lo só se tratará de teorias, regras, éticas e comportamentais e neuroses que te transformará num tremendo chato e mal-educado.

Ame-se.

William Donizete Nunes

Acadêmico de Pedagogia
Diretor do Centro Musical Virtuose.
Membro da Aculfi

UM DIA ESPECIAL

Em minhas férias decidi ler “O Mundo de Sofia”, um romance filosófico, instigante. Neste período, eu adormecia e acordava pensando no “coelho branco” —alegoria utilizada pelo autor, Jostein Gaarder, para demonstrar o crescimento filosófico humano— e questionava a respeito do sentido da vida. Quem um dia não pensou sobre ela?

Pois bem, descobri. E para meu deleite, em um dia muito especial: o Dia das Mães. O céu estava límpido e nele o sol resplandecia com um sorriso acolhedor.

Minha irmã me ligou pela manhã, convidando-me para celebrar tal dia com um gostoso almoço. Não hesitei, respondi pronta-

mente que sim.

Então fui ao ponto de ônibus, pois queria apreciar o dia observando tudo minuciosamente.

Quando subi no ônibus, sentei-me confortavelmente. Lembrei que tinha lido um artigo interessantíssimo sobre “aeróbica cerebral”. Tratava-se de exercícios malucos para estimular o raciocínio e os sentidos.

Foi então, quando inclinei minha cabeça contra o encosto do banco, cerrei meus olhos e prestei atenção aos ruídos, risos, conversas, movimentos etc.; e tentava imaginar como era o rosto dessas pessoas e o que elas estariam fazendo.

Neste exato momento, senti um calor tépido acariciando meu rosto: era o Sol! Senti uma serenidade profunda e, como que num estalo, também “senti” a resposta:

O sentido da vida está nas coisas pequenas, às quais não damos a devida atenção, pois vivemos em tempos modernos.

Graças a Deus! Pois com todo esse potencial tecnológico desenvolvido para informar a solução ainda está no humano. Na simplicidade das coisas.

Luiz Carlos Reikdal Filho

Educador e ator
Membro da Aculfi

AS FÉRIAS DE BARBARELLA

Passaram-se cinco anos de aprendizado no ninho, para Barbarella alçar vôo e aterrizar em plenas férias na casa de seus avós, no Rio de Janeiro.

Barbarella era carioca, embora morasse no Paraná há alguns anos e falasse com um sotaque variado. A idade de cinco anos não refletia suas inúmeras recordações, que iam e vinham na maré da primeira infância.

Todos estavam ansiosos, afinal seria a primeira vez que Barbarella se separaria de sua mãe. A relação das duas era muito intensa, pois foi dando a luz a Barbarella que nasceu em sua mãe o sentido da vida. As duas aprenderam a compartilhar os sonhos e a viver a realidade com serenidade..., pelo menos nos dias úteis.

Cabe esclarecer que férias para os adultos é descanso, enquanto para Barbarella seria o início de uma grande aventura. Tudo era novo e ela tentava viver ao máximo cada momento.

A necessidade de marcar todos os acontecimentos começou com pequenas escoriações resultantes de um tombo com o avô no parque, e foram crescendo. A necessidade de tornar cada momento definitivo resultou em 98 machucados.

Sempre que sua mãe telefonava, eram grandes os relatos que culminavam nos seus feitos. Nos primeiros dias, sua mãe ficou preocupada, mas passados os primeiros sustos, compreendeu o orgulho que representava cada machucado.

— Doeu muito e eu nem chorei.

Num final de semana, seus avós resolveram levá-la para a casa de campo em Teresópolis (cidade serrana do Rio de Janeiro), onde tinham uma casa confortável num condomínio fechado.

O lugar era perfeito. Barbarella vislumbrou o grande mundo a ser desbravado. Havia piscina, quadra de esportes, parque...e uma grande área livre preservada das maldades do mundo pelos muros que circundavam aquele pequeno paraíso.

Barbarella encontrou no quintal da casa o velho velocípede que brincava quando era pequena e resolveu fazer o trajeto que a levaria aos seus primeiros anos. Montada em sua carruagem empreendeu-se na grande aventura de se agarrar a sua liberdade e rodear a casa, longe dos olhares protetores de seus avós.

Barbarella, que como a própria dizia, tinha a grandeza de uma “adolescente pequena”, esforçava-se para que suas pernas compridas pedalassem o pequeno velocípede. Depois de muito esforço, conseguiu e circulava pela casa livremente, até que...

Um choro agudo invadiu a casa. Seus avós correram para ver o que acontecera e só viram Barbarella estatelada no chão, chorando. O velocípede estava caído, sem avarias aparentes. A ocorrência estava feita e a conclusão inexorável — havia acontecido um acidente e Barbarella, ainda dominada pela forte emoção, havia se machucado.

Quando, finalmente, foi medicada com água e açúcar, que a própria prescrevera, e refeita do susto, relatou o que havia ocorrido:

Barbarella estava conduzindo sua “moto” em grande velocidade quando viu uma rosa na sua frente. Não havia como parar e o atropelamento foi inevitável. De indiciada passou a vítima, quando ela mostrou que estava gravemente ferida por um espinho — havia caído em cima da roseira e o espinho estava preso em sua mãozinha. Todos ficaram surpresos. Como uma rosa poderia machucar Barbarella de forma a justificar choro tão profundo? Teria sido ela imprudente ao empreender tamanha velocidade em seu veículo? Quem teve culpa? Perguntas que ficaram sem respostas, pois o que restou, de forma definitiva, foi o relato orgulhoso de mais esta aventura.

Barbarella aprendeu uma grande lição: as aparências enganam e as rosas têm espinhos.

Márcia Helena Sut Ribeiro

Membro da Aculfi

Hoje é dia do meu aniversário!

Amanheceu deslumbrante, cheio de luz... As árvores, vistas da janela, estão se vestindo de flores roxas, num festival de ipês, espalhados pela cidade inteira ...

De outra janela, vejo o rio, manso, correndo suavemente em direção ao mar, domado que foi pela gigantesca Itaipu!

Verde por todos os lados, graças à exuberante vegetação que nos cerca, nos mantendo presos à floresta de outrora!

Faço a circunavegação do meu apartamento, deslumbrando-me com a natureza pródiga em cores, em diversidade, esbanjando luz, clareando intensamente a nossa cidade!

Passeio pelos cômodos da casa e vejo, em cada canto, lindas peças de arte que me encantam os olhos; ouço música suave e alegre, que me alça aos vãos da imaginação, conduzindo-me em mil aventuras sem fim, na exaustão do império dos sentidos ...

Meus olhos se deliciam com a profusão de cores vindas da natureza e encarceradas pelo homem, nas suas manifestações de arte; o brilho dos cristais, o reflexo dos metais mais nobres, a madeira exibindo seus veios de incrível beleza, isso apenas utilizando o sentido básico da visão; passo a mão sobre a seda que me encanta, a maciez do puro algodão, deixo o vento soprar, da minha janela, acariciando a minha pele, num prazer indescritível, com que a natureza nos brinda!

Bebo um uísque de boa marca, saboreando lentamente, aquele produto resultante de centenárias experiências; preparo o meu almoço com lentidão, antevendo o prazer que me invadirá ao degustá-lo, acompanhado por um bom vinho; a sobremesa, o café, o licor que me apaixona, são parte do festival das sensações gustativas.

Saio à rua, aspirando o perfume que vem dessa natureza privilegiada e capto, sofregamente, a energia que está no ar, à nossa disposição e à espera daqueles que sabem aproveitá-la.

Numa caminhada por ruas tranquilas, arborizadas, luminosas, os sentidos explodem de satisfação, em sintonia com o corpo saudável, pronto para receber esses estímulos da natureza, à exaustão dos sentidos!

Na caminhada tranquila, vejo casas, pessoas, lindas árvores, ouço os barulhos da cidade, tudo sem alarde, nesta linda manhã de domingo.

Volto a casa e começo a receber os telefonemas dos meus familiares, dos amigos, no costume ancestral de se parabenizar aqueles que sobreviveram por mais um ano — é a festa da sobrevivência!

O dia inteiro foi veranesco — calor, sol e céu claro, sem nuvens; a noite, deslumbrante, coalhada de estrelas e sem uma única nuvem, que empanasse a luz tênue e delicada delas!

Aqui, no BRASIL, e na outra margem do rio PARANÁ (vendo-se o nosso vizinho PARAGUAI), miríades de luzes clareiam o céu e o lar dos homens. Brasil e Paraguai, separados unicamente por uma larga faixa negra, que corresponde ao rio sem luzes e sem o brilho do sol a pratear as suas águas mansas e fecundas, geradoras de energia para o conforto de nossos dois países, satisfazendo as exigências da vida moderna, que pede máquinas, computadores, telefones e tudo o mais que consumimos, para nos aproximarmos e não perdermos o chamado “trem da história”...

Uso uma magnífica caneta, que reage à mão nervosa, na tentativa vã de transcrever todas as sensações indescritíveis desse dia especial — as palavras escritas não conseguem acompanhar o turbilhão de idéias, que vão jorrando, céleres, após o deslumbramento dos sentidos!

Passou-se mais um aniversário, nessa cidade que me acolheu e que hoje me abriga, tornando-me cidadão do IGUAÇU (IGUASSU?) e bicho do PARANÁ!

Que saibamos conservar tão precioso patrimônio, para aqueles que vão nos suceder, nesse encantamento de hoje e que dure até a eternidade!

Renato Maroja

NÃO JÁ, MAS AGORA

Não já, mas agora, espero com o meu entusiasmo chegar no ponto certo das responsabilidades de agir e adquirir o necessário da convicção de estar no lugar certo, na hora certa. Mas quando precisa-se cumprir com o desejo humano nunca se sabe de onde virá tudo isso se há somente um requisito: ser...

No íntimo de minha alma existe um sonho. Que sonho é esse o de ser ou acontecer? Não sei... Mas que precisa ser exposto ao verdadeiro ou ao ridículo, mesmo que precise desencadear vários sentimentos de hipocrisia ou inconstância, pois no ridículo aprendo como reviver o conceito de reabilitar meus verdadeiros estímulos de realização.

Do muito que tenho, falo no pouco, pois no menor espaço de tempo me confronto em uma renegação de mim mesmo para que tudo seja um nada, mas sim uma paz invadindo o espírito de sonhos impossíveis, porém com a vida exposta ao desejo de reviver os belos momentos:

Norberto da Paz Pruciano

Membro da Aculfi

Ficamos imaginando, no decorrer dos dias, que a maior parte da vida ecoa mentiras, inverdades, futilidades, banalidades, ameaças, obrigações, disfarces, impunidades; resumimo-nos em atitudes e rituais coletivos forçados. Basta olhar as assembléias de sim ou não à entrada ou saída de uma greve de professores.

Graças a uma publicação classificada como “Clássicos Econômicos Newton”, pudemos ter acesso ao livro O poema do haxixe, de Charles Baudelaire. Na parte intitulada **O vinho**, lemos as primeiras palavras:

*Um homem muito famoso que também era
um grande imbecil... (p. 25)*

Você não acha estranha uma publicação com esse título brindando-nos com um livro de Baudelaire? Clássicos Econômicos Newton publicando Baudelaire?!

Provavelmente, o que importava para a época era o primeiro adjetivo. O segundo deve ter passado ao largo. As opiniões públicas criam imagens positivas dos homens, das suas qualidades e dos seus destinos. As opiniões privadas — o mundo da Literatura — criam imagens sinceras e profundas dos seres e das relações.

Nada mais natural. Se a Literatura revela-se fingida, disfarçada, inventiva, imaginária, como poderá ver o homem pelas aparências? Muitos devem saber que uma pessoa que ri muito pode ser muito triste; uma pessoa que chora pode ser muito feliz; uma pessoa estressada, revoltada, injuriada, pode ser muito positiva, irrequieta, e também disposta e solidária.

Mais adiante, sempre ligado a esses famosos e imbecis, o grande poeta francês pede socorro a uma declaração de um teólogo e escritor suíço — Johann Kaspar Lavater (1741-1801):

*Deus preserve aqueles aos quais quer bem
das leituras inúteis (p. 26).*

Já num livro de um outro francês, Os intelectuais na Idade Média e Jacques Le Goff, respectivamente, lemos a respeito de Abelardo, candidato a teólogo, discípulo do grande Anselmo, autoridade respeitadíssima da época. As impressões daquele podem ser resumidas nas palavras que seguem:

*Eu me aproximei então desse ancião que
devia sua reputação mais à sua idade avançada
do que ao seu talento ou à sua cultura* (p. 40).

O jovem Abelardo era um goliardo; o ancião Anselmo o mais ilustre teólogo do tempo, diga-se de passagem. E mais ainda, o jovem não está falando de “velhice”.

No mesmo livro, descobrimos uma atitude de alto teor sugestivo. Aqueles homens a chamavam de *discussão quodlibética*. Esta câmara não está voltada diretamente para a vida universitária. Assim, a tal discussão fica apenas como um instante que passa.

Talvez devêssemos destacar uma coisinha. Os iniciados naquela *discussão* deviam trazer consigo

*... uma presença de espírito pouco comum e
competência quase universal* (p. 78).

Charles Baudelaire é um poeta francês do século XIX (basicamente); Le Goff é um historiador francês atual dos mais destacados (provavelmente).

E como o tempo é curto e precioso, igualmente o espaço nesta revista, nada mais esperado do que algo de Machado de Assis, não de A a Z, mas apenas uma das anotações, entre as que fizemos no mestrado em Porto Alegre, e que hoje não passam de algumas centenas delas engavetadas num velho caderno ali num dos cantos da estante de aço. Trata-se de uma passagem do conto **Jogo do bicho**, que está no livro Relíquias de Casa Velha – 1. Na página 202, da edição da Jackson, lemos:

*A jovem consorte mantinha a alegria da casa,
por mais dura que fosse a vida, grossos os
trabalhos, crescentes as dívidas e os empréstimos
e até não raras as fomes.*

Assim, lidos e entendidos os fragmentos desses respeitáveis senhores escritores, poderíamos voltar ao título, recomeçar e elaborar diversas, diferentes e admiráveis conclusões.

Ildo Carbonera

Professor da Unioeste e membro da Aculfi

Sete Povos das Missões - RS (Ildo Carbonera)



Quem saberá

Os anjos batem na porta
Do outro lado da sorte
Sou forte
Onde o Sol se esconde
Uma montanha...

Não venham agora me dizer
Se ouço os anjos
Se vou estar aqui

Os homens gritam distantes
Um canto novo
Com os desejos da vida
E por detrás daqueles sonhos
Morreram todos...

Os olhos espiam por cima do muro
Que coisa deprimente!

(Daniel Assunção)